

70 anos da Vitória

na Grande Guerra
Patriótica de 1941-1945



RÚSSIA HOJE

Publicação da Embaixada
da Rússia no Brasil

2015 #6



Dia da Vitória

Festejo com Lágrimas nos Olhos

Ashot Galoyan, Embaixador da Armênia no Brasil

Leonid Krupets, Embaixador da Belarus no Brasil

Bakytzhan Ordabayev, Embaixador do Cazaquistão no Brasil

Sergey Akopov, Embaixador da Rússia no Brasil

Países que fazem parte da União Econômica Euroasiática (UEEA), formada em 1 de janeiro de 2015

Publicado originalmente na Folha de S. Paulo em 9 de maio de 2015

Se passaram 70 anos desde o fim da Grande Guerra Patriótica. O dia 9 de maio, entretanto, sempre foi e será a nossa festa mais importante. Esse é o dia da glória nacional, do orgulho popular, amplamente comemorado nos nossos países. Um dia de lamentação e de memória eterna.

É uma festa, na qual a força conquistadora do patriotismo triunfa. Quando todos sentimos de um modo particularmente agudo o que significa ser fiel à Pátria e como é importante saber defender os seus interesses.

O Dia da Vitória é a festa mais querida, mais sincera e mais popular nos nossos países. Para os povos da ex-União Soviética este será para sempre o dia do grande feito popular. Já para os Estados europeus e para todo o planeta, esse é o dia da salvação do planeta. Os nossos avôs e nossos pais não pouparam as próprias vidas em prol da honra e da liberdade do seu país. Eles estavam unidos e defenderam a sua Pátria.

Já se passaram 70 anos. No entanto, todos os anos, cada dia 9 de maio, iremos lamentar os mortos, iremos lembrar daquela guerra, uma guerra que chama à consciência. Ela nos encarrega de uma grande responsabilidade e faz perceber de modo mais profundo o abismo infinito, à beira do qual o mundo estava naquela época. Ela nos mostrou as consequências monstruosas que podem advir da violência, intolerância racial, genocídio e do tratamento degradante ao homem.



Sempre recordaremos que esses excessos levam medo, humilhação e morte para as pessoas. Eternamente respeitaremos aqueles que sacrificaram as próprias vidas naquela ocasião, quem combateu e quem trabalhou abnegadamente na retaguarda. Lamentaremos os mortos. E honrando a nossa salvação sempre demonstraremos a eles toda nossa imensa gratidão humana. Eram 61 Estados e praticamente 80% da população terrestre envolvidos na órbita incandescente da Segunda Guerra Mundial. O furacão de fogo atravessou não só a Europa, mas também os países da Ásia e da África. Atingiu o Novo Mundo, o Alasca, as fronteiras do Egito e da Austrália. Porém, os acontecimentos mais traumáticos e decisivos, que determinaram o drama e a conclusão dessa guerra inumana, aconteceram no território da União Soviética.

Nós nunca dividimos a Vitória em nossa e a dos outros. Reconhecemos a coragem de todos os aliados que se opuseram ao nazismo, inclusive dos membros da Força Expedicionária Brasileira. Sabemos, por outro lado, que a União Soviética perdeu naqueles anos de guerra dezenas de milhões de seus cidadãos. E entre os soldados caídos nos campos de batalhas havia pessoas de todas as nacionalidades da extinta URSS.

Todos os povos e todas as repúblicas da União Soviética sofreram perdas irreparáveis. A tristeza visitou todas as casas, todas as famílias. A vitória foi forjada corajosamente por nossos soldados, foi conquistada pelas

“Temos a obrigação de transmitir aos nossos descendentes esse espírito do nosso parentesco histórico, de ânsias compartilhadas e esperanças comuns.”

tropas de guerrilha e pelos movimentos de resistência. Ela foi ficando mais próxima com a bravura da Leningrado cercada, com a coragem dos defensores de Sebastopol, com a proeza de milhares de combatentes na retaguarda. Em batalhas ferozes de Moscou e Stalingrado, Kursk e no rio Dnepr se fez o destino de toda a Segunda Guerra Mundial. A vontade de ferro do povo soviético, o seu destemor e resistência, salvaram a Europa da escravidão.

Por isso, o dia 9 de maio é uma data sagrada para nós. É um lamento compartilhado, memória compartilhada e dever compartilhado ante as gerações por vir. Temos a obrigação de transmitir aos nossos descendentes esse espírito do nosso parentesco histórico, de ânsias compartilhadas e esperanças comuns. Não há alternativas para a nossa confraria e nossa amizade. Estamos prontos para construir esse tipo de relacionamento com todos os nossos vizinhos mais próximos e com todos os Estados do mundo. Um relacionamento de união não só fundamentado por lições do passado, mas também voltado para o nosso futuro comum.

A história ensina: os países e os povos possuem a obrigação de fazer todo o possível para não perder o momento em que nascem as novas doutrinas de morte. Obrigação de entender como e de onde surgem as novas ameaças. As lições de guerra avisam que o estímulo à violência, indiferença e relutância resultam, de modo necessário, em tragédias de escala mundial. Por isso, tendo em vista as ameaças reais do terrorismo de hoje em dia, o ultranacionalismo e o neonazismo, devemos permanecer fiéis à memória dos nossos ancestrais. Temos a obrigação de defender a nossa ordem mundial, baseada em segurança e justiça, bem como em uma nova cultura de relacionamentos a evitar o retorno às guerras frias e às incandescentes. ■

Mulheres fugindo do bombardeio alemão em Grushki, Kiev, Ucrânia (Foto de K. Lishko, 23 de junho de 1941, Agência Internacional de Notícias da Rússia)







Enfermeira-chefe do centro cirúrgico da fortaleza de Brests, Praskovja Leontievna Tkachev, com as esposas e filhos de comandantes do Exército Vermelho, cercada por soldados alemães. (1941)
Na página seguinte, sargento soviético com rádio comunicador RB-M durante combate em Berlim (Foto de Anatoly Arkhipov, 1945)





Concerto de gala em honra da vitória na Praça Sverdlov em Moscou (Foto de Jacob Rytumkin, maio de 1945)

Por que sempre lembramos da vitória na Segunda Guerra Mundial?

Por **Denis Maltsev**, funcionário científico sênior do Instituto Russo de Estudos Estratégicos

A razão pela qual os russos insistem em chamar a guerra contra a Alemanha de Grande Guerra Patriótica se deve ao fato de os russos e os demais povos que compunham a União Soviética terem lutado pela liberdade e independência de seu país e por sua sobrevivência.

Em 2015, a Rússia comemora os 70 anos do fim da Grande Guerra Patriótica.

O termo surgiu no apelo de Josef Stálin ao povo soviético lido pela rádio em 3 de julho de 1941. Usado fartamente na Rússia e alguns países da CEI (Comunidade de Estados Independentes, composta pelas ex-repúblicas soviéticas, menos a Geórgia e os países bálticos), não é muito comum mundo afora.

A razão pela qual os russos insistem em chamar a guerra contra a Alemanha de Grande Guerra Patriótica se deve ao fato de os russos e os demais povos que compunham a União Soviética terem lutado pela liberdade e independência de seu país e por sua sobrevivência.

De acordo com o plano Ost (Oriental) do comando nazista, cerca de 50% a 60% dos russos deveriam ser aniquilados. Ao lutar abnegadamente em todas as frentes contra os nazistas, os povos soviéticos impediram sua concretização.

Pelo menos 19 milhões de soviéticos fizeram voluntariamente o alistamento militar para lutar na guerra. Não



Estudantes da 3ª escola do distrito de Kuibyshev, Leningrado, prepararam bolsas de presente para os soldados. No primeiro plano, Galya Simonov. (Foto de Boris Utkin, outubro de 1943)

é exagero dizer que, nesse sentido, o Exército soviético era um exército de voluntários.

O adjetivo grande simboliza o papel desempenhado pela União Soviética na luta contra a Alemanha nazista. Em 3 de julho de 1941, pelo rádio, Stalin disse:

«O objetivo dessa guerra nacional contra os opressores fascistas é não apenas repelir o perigo que assombra nosso país mas também ajudar todos os povos europeus que gemem sob o jugo do fascismo alemão».

A missão foi cumprida. Embora a vitória fosse resultado dos esforços de muitos países, a principal contribuição para a derrota da Alemanha foi dada pela União Soviética, que destruiu as principais forças do exército alemão. Mais de 74% das perdas em homens e material (10 milhões dos 13,4 milhões de efetivos) foram sofridas pela Wehrmacht nos combates contra o Exército Vermelho.

No período entre 1941 e 1945, o Exército Vermelho derrotou e capturou 607 divisões inimigas, enquanto a aliança anglo-americana, cerca de 176. O Terceiro Reich sofreu na frente soviética perdas em pessoal seis vezes superiores às baixas totais sofridas nos teatros de operações militares na Europa e no Mediterrâneo. Naturalmente, os russos se orgulham da vitória nessa guerra e não têm a menor intenção de encarar a Grande Guerra Patriótica como apenas uma das frentes da Segunda Guerra Mundial.

A guerra do povo soviético contra os invasores nazistas durou 1.418 dias.

A URSS perdeu cerca de 20 milhões a 40 milhões de pessoas durante a guerra.

Cerca de 50 milhões de pessoas morreram na Segunda Guerra Mundial.

A Batalha de Stalingrado durou 200 dias.

A Rússia tem realizado muitas atividades em homenagem aos heróis da guerra. Sua popularidade na sociedade russa mostra que a vitória tem um valor imperecível para os russos.

Prova disso é a campanha Fita de São Jorge, na qual fitas simbólicas com as cores das condecorações militares do Império Russo e da URSS são distribuídas entre cidadãos do país. A ação é dedicada ao Dia da Vitória na Grande Guerra Patriótica e se realiza anualmente desde 2005.

Segundo os idealizadores da iniciativa, seu objetivo é fazer com que as novas gerações não se esqueçam do preço pago por nosso povo pela vitória na mais terrível guerra do século passado. A ação tem os seguintes slogans: «A vitória do meu avô é a minha vitória!», «Eu me lembro e me orgulho de vocês!», «Somos herdeiros da Grande Vitória!», «Agradeço a meu vovô a Vitória!».

Em seis anos de existência da ação, foram distribuídos mais de 50 milhões de fitas em todo o mundo. De fato, a campanha envolve todos os países onde existem comunidades russófonas. Segundo inquéritos à opinião pública, 73% dos russos são favoráveis à iniciativa. Os líderes do país também usam as fitas. ■





O encontro dos aliados no rio Elba. Soldados soviéticos em Torgau (Alemanha).
Abril de 1945. (Foto dos arquivos privados de Jack Connon)







Os setenta e três anos da batalha de Stalingrado

Por **Svetlana Kalmykova**, Voz da Rússia

Há setenta e três anos, no dia 19 de novembro de 1942, o Exército Vermelho iniciou a sua contraofensiva na Segunda Guerra Mundial na Batalha de Stalingrado, operação que resultou na derrota completa das tropas alemãs nazistas. A partir das ruínas de Stalingrado, começou o longo caminho até à vitória da primavera de 1945.

Naquela manhã, milhares de peças de artilharia do Exército Vermelho despejaram uma tempestade de fogo sobre as posições inimigas e a ofensiva começou. Dias depois, as tropas soviéticas fecharam o cerco aos 330 mil soldados, oficiais e generais do exército de Hitler. Os combates continuaram durante os três meses seguintes, mas todas as tentativas alemãs de romper o cerco e sair foram infrutíferas.

Esta operação no Rio Volga, batizada de Uran, foi preparada durante dois meses. Na Stalingrado (atual Volgogrado) cercada, em condições de segredo rigoroso, se concentraram reforços provenientes da Sibéria Ocidental e foi criado um poderoso grupo de assalto.

Virada

Os historiadores consideram esse um momento culminante, um ponto de virada de toda a Segunda Guerra.

“Para a máquina de guerra alemã, que até aquele momento tinha conquistado quase toda a Europa, este foi um golpe devastador, do qual ela não conseguiu se recuperar”, diz o perito do Instituto de História Geral da Academia das Ciências da Rússia Mikhail Miagkov.

“Foi precisamente aqui que se deu a virada moral na guerra. Não só porque os alemães concentraram ali as suas unidades principais e Hitler dava uma enorme importância política a essa cidade, mas também porque o exército soviético sentiu que o inimigo poderia ser vencido.”

A contraofensiva foi precedida de meses de duros combates. As tropas do Terceiro Reich avançaram em meados de julho em direção a Stalingrado e estavam convencidas de que até agosto a cidade cairia, abrindo-lhes o caminho para as áreas petrolíferas do Cáucaso. Mas elas esbarraram na incrível resistência por parte dos defensores da cidade, que lutavam até à morte e não defenderam apenas a cidade, mas salvaram a Europa e todo o mundo



Equipe de assalto alemã sobre as ruínas de uma fábrica em Stalingrado (1942)

do nazismo. A derrota das tropas de Hitler em Stalingrado permitiu o desenvolvimento do movimento da Resistência nos países da Europa.

Mais sangrenta

A batalha, que durou 200 dias, foi a maior e a mais sangrenta da história. Entre mortos e feridos, somam-se cerca de um milhão de soldados e oficiais soviéticos, enquanto os exércitos do bloco nazifascista perderam um quarto das forças que combatiam na frente germano-soviética.

“Muitos livros já foram escritos sobre a batalha, mas o trabalho continua”, diz Elena Tsunaeva, historiadora de Volgogrado e uma das autoras da enciclopédia dedicada à batalha.

“Se sabe muito, mas se analisarmos os detalhes, ainda há muito por descobrir. Há pouca informação sobre

determinados destacamentos militares e é difícil encontrar documentos de arquivo, visto que muito foi destruído durante a guerra. Falta informação mesmo sobre alguns comandantes. Ou seja, nós sabemos quem foram os heróis, quem foram os condecorados, mais é muito complicado encontrar a descrição detalhada dos seus feitos. Quanto ao fato de terem sido escritos muitos livros, posso dizer que alguns episódios são simplesmente copiados. Por isso seria errado dizer que o estudo da batalha terminou.

A continuação desses estudos deverá receber a contribuição da quinta edição da enciclopédia, assim como da nova edição biográfica “Batalha de Stalingrado e os seus Habitantes”, que irá descrever a contribuição que os habitantes da cidade deram para a vitória tanto na retaguarda como na frente de combate. Pois se olharmos para a vitória, esta foi tecida de milhões de feitos e vitórias das mais diversas. ■



Soldados do Exército Vermelho comemoram na área dos combatentes caídos, a vitória na Batalha de Stalingrado (Foto de George Zelma, janeiro de 1943)





"Estamos todos mortos aqui"

Citações extraídas dos jornais Kommersant e Moskovskie Nóvosti

Reveja a história da Batalha de Stalingrado (atual Volgogrado) através dos olhos de pessoas que estavam ali presentes. As citações abaixo foram encontradas em diários e cartas de participantes de uma das mais sangrentas disputas da Segunda Guerra Mundial.

"Em 23 de agosto, começou um bombardeio maciço depois do almoço. Em dois dias, a cidade foi destruída. Primeiro lugar destruíram o bairro central onde eu morava. Fomos a um abrigo antiaéreo e, no dia seguinte, nossa casa deixou de existir." *(Das memórias de Boris Krjijanovski, natural de Stalingrado)*

"23 de agosto. Temos uma ótima notícia: nossas tropas chegaram ao Volga e tomaram parte da cidade. Os russos têm apenas duas opções: recuar ao longo do rio Volga ou se render. Na verdade, verificamos algo incompreensível. Enquanto nossas tropas do norte tomaram a cidade e chegaram ao Volga, as divisões russas no sul continuam resistindo duramente. Eles são fanáticos..." *(Do diário do soldado alemão William Hoffman)*

"21 de setembro. Ontem dois soldados vieram para pedir água para beber. Perguntamos a eles: 'Quando isso vai acabar?' Responderam que não sabiam e que jamais haviam lutado antes durante tanto tempo quanto em Stalingrado. Hoje faz 30 dias desde o primeiro bombardeio e 30 dias que não saímos do abrigo." *(Do diário de Serafina Voronina, moradora de Stalingrado)*

Soldados alemães avançam através de ruínas em Stalingrado em 1942







Prisioneiros de guerra soviéticos marcham em Stalingrado

"26 de setembro. Depois de tomarmos o silo, os russos continuaram lutando de forma dura. Eles não podem ser vistos, estão escondidos em prédios e porões, disparando de seus abrigos em todas as direções e usando a tática de bandidos. Os russos pararam de se render. Se conseguimos fazer um prisioneiro, é só porque ele é mortalmente ferido e incapaz de se mover. Stalingrado está um inferno. Aqueles que ficaram feridos têm sorte, pois eles irão para casa comemorar a vitória em família..." *(Do diário do soldado alemão William Hoffman)*

"Lembro-me de meus companheiros dizendona França: 'Bem, agora vamos à Rússia, vamos provar ali a carne de urso, eles têm de tudo ali!' Eles pensavam que iríamos continuar na Rússia com o mesmo sucesso de nossa campanha na França. Foi um verdadeiro choque ver como as coisas aconteceram." *(Das memórias do soldado de artilharia Heinz Hoon)*

"25 de outubro. Estou aqui lutando há mais de um mês. Os combates são duros. Destruímos todos os dias uma centena de nazis. Vamos expulsá-los de Stalingrado! Vamos cumprir a ordem e defender o Cáucaso!" *(De uma carta de Nikolai Danilov, oficial responsável pela educação ideológica de soldados)*

"30 de novembro. Nossa situação é ruim. Os russos cercaram nosso corpo de exército. No último sábado, fomos atacados e perdemos muitos soldados entre mortos e feridos. O sangue corria como um rio. Nossa

retirada foi terrível e o comandante está gravemente ferido. Agora não temos nenhum oficial." *(De uma carta do suboficial George Krieger)*

"1º de dezembro. O tempo está ruim e os aviões com alimentos não conseguem chegar. Mesmo assim, continuo acreditando que tomaremos Stalingrado. Se conseguirmos ficar aqui até março, a situação vai melhorar." *(De uma carta de um soldado alemão)*

"Ele chegou e disse: 'Bem, adeus, é pouco provável que continuemos vivos...Ele me abraçou, mas não me beijou. Não é ocasião para nos beijarmos, mas para nos despedirmos dessa maneira.'" *(Das memórias de Maria Fustova, operadora de rádio)*



O comissário político Nikita Khrushchev consola mulher em Stalingrado

"26 de dezembro. Comemos todos os cavalos. Eu comeria um gato, dizem que a carne de gato também é deliciosa. Os soldados parecem cadáveres ou sonâmbulos buscando qualquer coisa que possam comer. Não se escondem mais de balas russas, não têm forças para se mover nem para se esconder." *(Do diário do soldado alemão William Hoffman)*

"26 de dezembro. Hoje cozinhamos um gato por ocasião de festa." *(Do bloco de anotações do oficial Werner Clay)*

"19 de janeiro. O barulho de tiros de canhão é contínuo. Recebemos o reforço de dois mil soldados. Estamos acabando com esses filhos da mãe dos nazis." *(Do diário do capitão Kornienko)*

"24 de janeiro de 1943. Caro irmão, desculpe pela minha caligrafia ruim. Tenho as mãos queimadas pelo frio e a mente confusa. Só as recordações e pensamentos sobre minha Utah e a pequenininha Margo me aquecem. Não vou sair daqui. Não haverá nenhum rompimento do cerco. Já estamos todos mortos aqui e, se ainda não

nos apodrecemos, é só por causa do frio russo." *(De uma carta do tenente Helmut Quandt)*

"Eu te digo 'adeus' porque depois desta manhã tudo ficou claro. Não vou te escrever sobre a situação na frente, ela é evidente e está nas mãos dos russos. A questão é saber quanto tempo conseguiremos aguentar; alguns dias ou algumas horas." *(De uma carta de um soldado alemão)*

"Eu entrei para falar a Paulus que chegou uma mensagem dizendo que ele foi promovido a marechal de campo. Ele disse: 'Agora sou o mais jovem general do exército e tenho de me render'. Eu fiquei pasmo porque esperava, como Hitler, que ele se matasse. Mas Paulus me disse: 'Sou crente, cristão e condeno o suicídio', embora, há 14 dias, ele tivesse dito que um oficial não tinha o direito de acabar prisioneiro. Agora está dizendo outra coisa." *(Das memórias do tenente Gerhard Hindenlanga)*

"2 de fevereiro de 1943. Stalingrado caiu." *(Do diário do sargento croata Eurich)* ■



As tropas soviéticas passam à ofensiva (1943, RIA Novosti)

Sete motivos para a vitória soviética na batalha de Stalingrado



Por **Ksênia Burmenko**, Gazeta Russa

A batalha de Stalingrado, assim como o Cerco a Leningrado, permanece um dos eventos mais importantes da Segunda Guerra Mundial, cujo sucesso foi influenciado pelo heroísmo da população civil.

O dia 2 de fevereiro será lembrado para sempre como a data do término da batalha de Stalingrado, que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial e é considerada o evento crucial de um dos longos períodos da guerra, de janeiro de 1943 a janeiro de 1944. Em comemoração a essa data importante, apresentamos sete motivos que ajudaram o exército soviético a conquistar a vitória.

1 No início do verão de 1942, os comandantes soviéticos perderam a esperança de ter apoio de qualquer aliado, o que, por outro lado, lhes deu liberdade de concentrar seu poder militar na preparação de um golpe final na Frente Oriental.

2 A formação de uma reserva de tropas e do equipamento militar exigiu uma introdução de mudanças na economia soviética para dar prioridade ao exército nacional. Uma delas consistia na evacuação das indústrias nas regiões próximas à linha de frente, uma das maiores na história do país. O Conselho de Evacuação foi criado em junho de 1941. No entanto, a segunda etapa de transferência das fábricas e usinas foi concluída em meados do segundo semestre de 1942. Ao longo da evacuação, foram introduzidas algumas alterações nas estruturas de fábricas, resultando na fusão das

usinas de Kirov e da cidade de Leningrado e da fábrica de tratores de Tcheliábinsk com o objetivo de produzir os tanques de guerra.

Por outro lado, 8.000 vagões foram usados para transportar a usina Zaporozhstal, responsável pela fabricação de ferro, entre a cidade ucraniana de Dnepropetrovsk e Magnitogorsk, localizada na região dos Montes Urais. No total, foram deslocadas centenas de fábricas e 11 milhões de pessoas. Naquele momento, o poder econômico da União Soviética superava o potencial da Alemanha. A partir do ano de 1940, o produto interno bruto soviético aumentou de 39 bilhões de rublos (cerca de US\$ 1,1 bilhão) para 48 bilhões de rublos (cerca de US\$ 1,4 bilhão), enquanto apenas no ano de 1942, o país fabricou quase 25 mil tanques. Estes dados estatísticos deixaram Hitler preocupado.

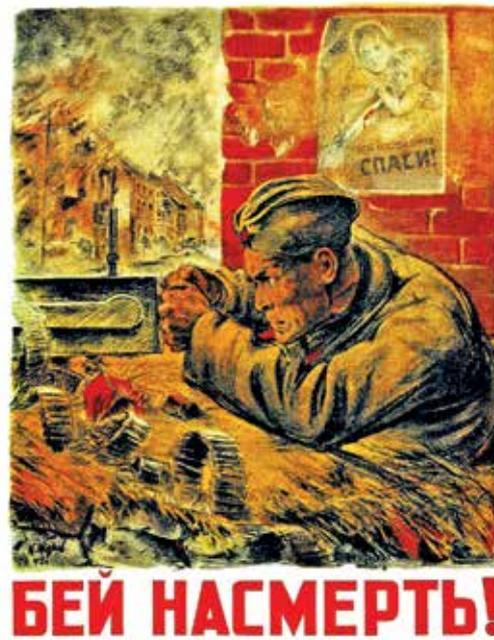
3 Todos os fatores mencionados acima permitiram os comandantes soviéticos reorganizar e reequipar o exército nacional e formar uma reserva de maquinaria e recursos humanos. No entanto, a finalização do processo e a concentração de todas as forças armadas próximo aos campos de batalha exigiam a priorização da defesa estratégica por um tempo limitado. Portanto, no período entre a metade do primeiro semestre de 1942 e o início do segundo semestre do mesmo ano, os exércitos alemão e soviético preferiram se focar na preparação e não iniciaram nenhuma campanha militar importante.

4 Tanto os comandantes soviéticos quanto os alemães cometeram erros estratégicos, porém ambos tiveram as suas conquistas. A maior falha dos soviéticos consistiu na disposição de uma grande parte do exército nacional na região que dá acesso à cidade de Moscou, não esperando nenhum ataque do inimigo na direção sudoeste. Hitler não deveria ter separado o grupo Sul do seu exército em dois conjuntos, A e B, com o objetivo de conquistar simultaneamente a região do rio Volga, que servia como o principal caminho para o transporte de petróleo e alimentos para a parte central da Rússia, e as regiões produtoras de petróleo do Cáucaso. Portanto, a Batalha de Stalingrado possuía uma ligação estratégica com a luta pelo Cáucaso soviética. A separação das tropas nazistas impossibilitou os alemães de conquistar o primeiro e o segundo objetivos, deixando a Cáucaso e Stalingrado livres do domínio do Hitler.

5 O plano de ataque nas proximidades à cidade de Stalingrado começou a ser elaborado pelos soviéticos em setembro de 1942.

“Aquele período foi marcado pela finalização dos trabalhos de formação e preparação das reservas estratégicas, cuja maioria foi composta pelas tropas equipadas com maquinário e tanques de médio e grande porte. Além disso, já haviam sido formadas reservas de outros equipamentos militares e munições”, lembra o marechal Vassilievski.

Em meados do segundo semestre de 1942, os comandantes soviéticos elaboraram um plano da operação de contraofensiva, chamada de Urano, para ser realizado próximo a Stalingrado. Até novembro do mesmo ano, foram transferidas tropas e máquinas ao local da futura batalha, cuja quantidade nos principais pontos de ataque superava o exército alemão em duas ou três vezes. Até o início da contraofensiva, o local da futura batalha contava com a presença de 160 mil soldados, 10 mil cavalos, 430 tanques, 6.000 canhões e 14 mil unidades de outros tipos de maquinário, enquanto a quantidade total dos participantes superou um milhão de pessoas, 1.500 tanques, 11,5 mil



lança-minas, 1.400 lançadores de foguetes múltiplos Katiucha e outros equipamentos.

6 O deslocamento de todas as cargas e máquinas foi efetuado em segredo e apenas no período noturno com o objetivo de surpreender o exército alemão com um ataque inesperado. O serviço secreto alemão não conseguiu descobrir o plano dos comandantes soviéticos e confirmou as previsões otimistas dos chefes nazistas referentes à falta de qualquer invasão futura.

7 Ao contrário das tropas soviéticas, que haviam transferido os estoques de munição e alimentos às proximidades do Stalingrado até o mês de novembro, o exército nazista estava enfrentando grandes problemas com abastecimento devido ao transporte aéreo, escolhido como o principal método de entrega dos produtos necessários para a manutenção das suas atividades militares. No entanto, por motivo dos constantes bombardeios dos aeródromos alemães pelos aviões soviéticos, tempo desfavorável aos voos e da resistência da população local, o exército alemão, composto por 300 mil soldados, não conseguia receber as 350 toneladas diárias necessárias de carga. ■



KV, o tanque batizado com o nome de um Comissário do Povo

Por **Aleksandr Korolkov**, historiador, doutor em Ciências Históricas.

Modelo que intimidou as tropas alemãs na Segunda Guerra Mundial passou do rascunho à linha de frente em menos de um ano.

Nos Estados Unidos, é tradição dar nomes de grandes políticos a carros de combate. Já na Rússia, a tradição seguiu por outro caminho: somente navios e aviões recebem nomes de personalidade proeminentes. Mesmo a tentativa de Borís Iéltsin de nomear o tanque russo T-90 de Vladímir, em honra ao antigo príncipe, não obteve sucesso. No entanto, há duas exceções de tanques

que não têm suas denominações iniciadas pela habitual letra "T", mas pelas letras iniciais de personalidades influentes: KV (Klement Voroshilov) e IS (Iossef Stálin).

Durante os primeiros meses da Segunda Guerra Mundial, as tropas nazistas aplicavam a "blitzkrieg", uma estratégia de ataques rápidos e profundos, utilizando tanques e infantaria mecanizada contra as

inertes conexões do Exército soviético. Porém, no segundo dia da guerra, ao meio da confusa retirada maciça das tropas soviéticas, o tanque russo Klement Voroshilov, deslocando-se de sua unidade, se interpôs no caminho de toda a Divisão Blindada Norte do Exército alemão.

“Conseguimos manter a cabeça de ponte tomada pelo grupo de Routh. Pela tarde, reforçamos a posição com a chegada do 65º Batalhão Panzer, que se posicionou precisamente no cruzamento nordeste de Raseiniaia. Enquanto isso, um tanque pesado soviético bloqueou a estrada por onde avançava o grupo de Routh, forçando-o a se dividir em dois. Durante toda a noite, os tanques de Routh não conseguiram destruir o carro soviético, pedindo reforços dos canhões de 88 mm. Eles não se mostraram mais eficazes do que os obuseiros de 105mm que vinham sendo usados. Mesmo as tentativas de minar o tanque soviético por engenheiros alemães não obtiveram sucesso”, lê-se no diário de combate do 11º Regimento Panzer da Wehrmacht.

Os alemães então iniciaram uma grande ofensiva blindada no dia 25 de junho, enviando contra a misteriosa máquina soviética um grupo de diversão para atrair a atenção da tripulação, composto por tanques leves checoslovacos Pzkw 35, enquanto iniciaram novamente o bombardeio com canhões de 88 mm. Dos 10 disparos que atingiram a estrutura do tanque soviético, três perfuraram a blindagem. A infantaria alemã tentou alcançar as escotilhas do carro já imobilizado, mas foi repelida pelas defesas da torre que ainda estava operacionais. Os alemães reagiram com granadas de mão, inserindo-as nos buracos da blindagem perfurada, aniquilando finalmente o que restava dos seis tripulantes que, durante 48 horas a bordo do seu KV-2, conseguiram imobilizar uma constangida Divisão Panzer da Wermacht.

Do rascunho à linha de frente

A história do tanque que leva o nome do Comissário de Defesa de Stálin, Klement Voroshilov, tem seu início em 1939, quando o projetista-chefe da Fábrica Leningradski Kirovski, Iossef Kòtin, propôs abandonar a ideia de tanques pesados com múltiplas torretas em prol de modelos equipados com uma só torrente. Stálin

aprovou a iniciativa e logo os construtores foram instruídos a largarem os projetos dos tanques SMK e T-100 de várias torretas. Ele teria menos poder de fogo, mas possuiria uma blindagem muito mais espessa. O projeto resultou em um tanque de 47,5 toneladas, com um motor a diesel de 500 hp, equipado com caixa de engrenagens planetárias e suspensão com barras de torção.

No dia 20 de setembro, uma versão experimental agradou a plateia qualificada em testes no campo de Kubinka, nos arredores de Moscou, superando todos os obstáculos à sua frente, mesmo considerando as dificuldades encontradas pelo motorista de testes.

“Encontrei muitas dificuldades para superar alguns obstáculos com o KV o motor é muito instável. Quando atravessei um rio, a água inundou todo o compartimento de combate, mas por sorte não apagou o motor permitindo-me conduzir o tanque até a outra margem. Naquele lado passei por determinados pontos programados da pista, como atropelar alguns pinheiros e subir uma íngreme montanha, o que deu muito trabalho. O motor estava constantemente em rotação máxima e nem sempre eu conseguia mudar as marchas. Durante a travessia da pista me foi exigido intenso trabalho de coordenação com as embreagens de fricção”, escreveu P. I. Petrov em seu diário.

Após algumas pequenas melhorias, o KV foi testar suas habilidades em combate logo no início da guerra Soviético-Finlandesa. No dia 17 de dezembro de 1939, perto do lago Summayarvi, ocorreu o primeiro combate, no qual o tanque e a tripulação sobreviveram, mesmo com o cano do canhão rompido e 43 impactos de munições perfurantes na torreta. Apenas uma passou pela blindagem.

No dia 19 de dezembro do mesmo, após o relatório do combate chegar a Moscou, o tanque foi oficialmente adotado e sua produção em série autorizada. No entanto, durante a Guerra de Inverno, os projetistas se depararam com um problema incomum. O marechal Timoshenko propôs a adoção de uma torre equipada com um canhão obuseiro de 152 mm, capaz de atirar projéteis de cimento com 40 kg e perfurantes de 52 kg, eficazes contra casamatas e bunkers, elementos que as tropas soviéticas tiveram de lidar durante os combates. Como resultado, o novo tanque de 52 toneladas foi renomeado como KV-2. ■









A Batalha de Kursk, uma das maiores batalhas da Grande Guerra Patriótica, começou em 5 de Julho de 1943 (Foto de I. Shagin, RIA Novosti)

Batalha de Kursk através dos olhos de quem presenciou a destruição

Por **Víktor Gavrilov**, Nezavissimoie Voiénnoe Obozrénie

Há 72 anos, cidade na região de Prokhorovka foi palco da maior batalha de tanques da história mundial

Paira o silêncio sobre o campo de Prokhorovka. Somente de tempos em tempos ouve-se o repicar dos sinos, chamando os paroquianos para o serviço religioso na Igreja dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, construída com recursos doados pelo povo, em memória dos soldados que morreram na Batalha de Kursk.

Há 72 anos, nesse local fervia um terrível combate. Na região de Prokhorovka se desenrolou a maior batalha de tanques da história mundial. Tudo o que poderia se inflamar estava queimando, tudo estava coberto de poeira e fumaça dos tanques, aldeias, florestas e campos de trigo que ardiem em chamas. A terra foi queimada a tal ponto que não restou um único fiapo de grama. Aqui a guarda soviética se encontrou frente a frente com a elite da Wehrmacht, as divisões de tanques da SS.

A batalha de Kursk também leva o nome de Batalha no Arco de Kursk. Esse nome é devido à forma arqueada da frente de batalha, constituída pelas tropas soviéticas (ver mapa da batalha). Os combates na face sul do arco de Kursk começaram, praticamente, ainda no dia 4 de julho. Mas os principais eventos ocorreram na madrugada de 5 de julho, quando os alemães lançaram o primeiro ataque maciço com as suas conexões de tanques.

Na manhã de 5 de julho, o comandante da divisão "Adolf Hitler", o Obergruppenführer, Josef Dietrich, se aproximou dos seus "Tigres", e um dos oficiais gritou para ele: "Vamos almoçar em Kursk!". Mas os integrantes da SS não conseguiram nem almoçar nem jantar em Kursk. Em 12 de julho,

às 8h30, os batalhões de assalto soviéticos iniciaram um contra-ataque, opondo-se às tropas do 4º exército de tanques alemão.

Para revidar os ataques das tropas soviéticas, o comandante alemão Erich von Manstein lançou todas as forças disponíveis, porque entendia perfeitamente que o sucesso do avanço das tropas soviéticas poderia levar à completa derrota de todos os batalhões de assalto do grupo “Sul” dos exércitos alemães. Na enorme frente, com uma extensão total de mais de 200 km de comprimento, eclodiu uma luta feroz.

Os mais ferozes combates durante o dia 12 de julho estavam sendo realizados na assim chamada ponte (área de estágio tático) de Prokhorovka. Essa área foi conquistada pelo adversário em uma luta tensa ao longo do dia 11 de julho. Ali se estabeleceu e começou a agir o principal grupo das forças inimigas, que integrava a 2ª Divisão de blindados da SS. Foi sobre essa força que o comando soviético lançou o seu ataque principal.

“Poucos minutos depois, os tanques do primeiro escalão das nossas 29ª e 18ª Divisões, atirando em movimento, com um impacto frontal, penetraram nas disposições

militares das tropas alemãs-fascistas e com um rápido e lancinante ataque, literalmente perfuraram as disposições do inimigo. [...] Os seus “Tigres” e “Panteras” foram privados da supremacia do seu poder de fogo, no combate de curta distância. No início da ofensiva, eles se aproveitaram dessa supremacia durante o confronto com as nossas outras conexões de tanques e agora estavam sendo derrotados com êxito pelos tanques T-34 soviéticos e até mesmo pelos (leves – N. do E.) T-70, a distâncias curtas. O campo de batalha era um turbilhão de fumaça e pó, a terra tremia devido às explosões poderosas. Os tanques colidiam uns com os outros e ficavam enroscados sem conseguir se separar, então lutavam até a morte até que um deles se inflamava como uma tocha ou parava com as lagartas destruídas. Mas mesmo os tanques abatidos, se as suas armas estivessem em condição de operar, continuavam a disparar”. Pável Rotmistrov, comandante militar soviético.

“O primeiro tanque, eu abati quando estava me movimentando pela estrada de ferro, ao longo da área de desembarque e, literalmente, a uma distância de cem metros, vi um tanque “Tigre” que estava virado de lado para mim, disparando em nossos. Pelo visto ele tinha atingido vários



Soldados alemães municiando um tanque Tiger I (Foto de Rottensteiner, julho de 1943, Arquivo Federal da Alemanha)

tanques nossos, pois eles estavam indo de lado para cima dele e ele disparava nas laterais das nossas máquinas. Eu mirei um projétil perfurante e disparei. O tanque pegou fogo. Eu disparei mais uma vez e o tanque se inflamou ainda mais. A tripulação saltou para fora, mas não sei bem porque, eu não estava interessado nela. Eu contornei esse tanque e, em seguida, abati um tanque T-III e um tanque "Pantera". Sabe, quando eu abati o tanque "Pantera", experimentei uma sensação de euforia, pois, vejam só, consegui realizar um feito heroico." Evguêni Chkurdalov, ex-oficial soviético.

"De repente um T-34 irrompeu e dirigiu-se diretamente para nós. O nosso primeiro operador de rádio começou a me passar os projéteis, um a um, para que eu os colocasse no canhão. Enquanto isso, o nosso comandante que estava no compartimento de cima, não parava de gritar: 'Atirem! Atirem!', porque um tanque se aproximava cada vez mais. E somente após o quarto 'Atirem', eu ouvi ele dizer: 'Graças a Deus!'. Então, depois de algum tempo, verificamos que o T-34 parou apenas a oito metros de distância de nós! No topo de sua torre, como se tivessem sido carimbados, havia orifícios de 5 centímetros [...]. As disposições militares dos dois lados se misturaram. "Os nossos tanquistas atingiam com êxito o inimigo, de distâncias próximas, mas também sofriam pesadas perdas." Wilhelm Rees, ex-oficial alemão da divisão "Adolf Hitler".

"O tanque T-34 do Comandante do 2º Batalhão da 181ª brigada da 18ª divisão, Capitão Skripkin, penetrou a formação de "Tigres" e abateu dois tanques inimigos, antes que um projétil de 88 mm atingisse a torre do seu T-34 e outro perfurasse a sua blindagem lateral. O tanque soviético pegou fogo, e Skripkin, ferido, foi retirado do tanque destruído pelo condutor, sargento Nikolaev e pelo operador de rádio, sargento Zirianov. Eles se refugiaram na cratera aberta pela bomba, mas ainda assim um dos "Tigres" os descobriu e partiu para cima deles. Então Nikolaev e seu artilheiro Tchernov saltaram novamente para o tanque em chamas, deram a partida e o orientaram diretamente para o "Tigre". Os dois tanques explodiram com o impacto". Extraído dos documentos do Arquivo Central do Ministério da Defesa da Federação Russa.

O ataque com os blindados soviéticos, tanques novos com um conjunto completo de munição abalou significativamente as divisões do inimigo, já desgastadas pelas batalhas, e a ofensiva alemã malogrou.



Aviões de combate Soviet Il-2 atacando coluna motorizada alemã em na Batalha de Kursk, Rússia (Foto de F. Levshin, julho de 1943, Agência Internacional de Notícias da Rússia)

Como resultado do contra-ataque das principais forças Soviéticas da 5ª guarda do exército de tanques, a sudoeste de Prokhorovka foi frustrada a ofensiva sobre o nordeste, das divisões de tanques da SS, "Cabeça Morta" e "Adolf Hitler". Essas divisões sofreram tamanhas perdas, que não puderam mais implementar uma ofensiva consistente.

As unidades da divisão de tanques da SS, "Reich", também sofreram pesadas baixas devido aos ataques de unidades. Corpos da guarda de tanques que passaram a contra-atacar ao sul de Prokhorovka.

Perdas e resultados

As perdas totais dos dois lados do confronto de tanques nas proximidades de Prokhorovka estão avaliadas da seguinte maneira: do lado soviético se perderam 500 tanques e do lado alemão, 300 tanques e canhões autopropulsados.

É claro que o grupo "Sul" do exército alemão sofreu as piores perdas nos primeiros sete dias de combates, antes mesmo da batalha nas proximidades de Prokhorovka.

Mas o significado básico da batalha de Prokhorovka consiste no fato de que os soldados soviéticos deram um duríssimo golpe e conseguiram parar as divisões de tanques da SS que avançavam em direção à Kursk. Isso minou o espírito de combate da elite das tropas blindadas alemãs, e depois disso, elas definitivamente perderam fé na vitória das armas alemãs. ■





“Tudo para a frente, tudo para a vitória!”

Por **Anna Trofíмова**, Gazeta Russa

Situada longe da linha de frente, a Sibéria não foi atingida diretamente pela guerra, mas sua população sentiu na pele as duras provações da guerra mais implacável e prolongada na história soviética. O trabalho dos trabalhadores siberianos sob o lema “Tudo para a frente, tudo para a vitória” teve um importantíssimo papel na vitória do Exército Vermelho sobre as tropas nazistas.

De acordo com registros históricos, já no século 15, os 12,5 mil quilômetros quadrados da Sibéria eram habitados por inúmeras etnias indígenas, entre as quais os iakuts, buriatas, tuvinos e outros, permanecendo, contudo, inóspita para os russos durante muito tempo.

O inverno na Sibéria dura quase seis meses, o verão é quente e curto, enquanto o outono e a primavera quase não se fazem sentir. Nem todas as pessoas gostariam de viver em tais condições, embora a Sibéria seja uma das regiões mais promissoras da Rússia. Cerca de 60% do petróleo russo são extraídos nessa região, que possui toda a infraestrutura necessária a uma vida confortável.

Em 1941, quando a Grande Guerra Patriótica (como a Segunda Guerra Mundial é conhecida na Rússia) começou, a Sibéria, até então vista como terra de trabalhos forçados, virou centro de apoio logístico do Exército Soviético. Milhares de pessoas da região trabalharam em fábricas e empresas agrícolas, criando a produção e tecnologias necessárias, de fósforos a equipamento militar, para conquistar a vitória.

Um ano antes, antes de a Alemanha invadir a Polônia, a liderança soviética não tinha dúvidas de que a guerra entre a URSS e a Alemanha nazista iria acontecer. Naquele mesmo ano, o governo soviético mandou levar parte da população civil, mulheres, crianças e idosos para a Sibéria Ocidental. As maiores empresas, especialmente da indústria armamentista, e as principais forças produtivas também foram transferidas às regiões centrais do país para a Sibéria. No total, mais de 1 milhão de pessoas foram enviadas para a Sibéria pela conhecida ferrovia Transiberiana.

Antes da guerra, de acordo com o censo de 1939, a população da Sibéria era pouco mais de 10 milhões

de habitantes (um décimo da população do país). Com a transferência de recursos humanos, a população da região cresceu 30%.

Em 22 de junho de 1941, a terrível notícia do início da Grande Guerra Patriótica chegou à Sibéria. Naquele mesmo dia, em grandes cidades siberianas, houve manifestações em apoio do Exército Soviético. Muitos homens que trabalhavam nas fábricas da Sibéria foram mobilizados para a guerra. Suas funções nas fábricas foram assumidas por mulheres e até mesmo crianças. Todo o país, inclusive a Sibéria, trabalhou com dedicação sob o lema “Tudo para a frente, tudo para a vitória”.

Nos primeiros meses de guerra, foi iniciada uma campanha de coleta de agasalhos para os soldados do Exército Vermelho, mas a população civil entregava até artigos de ouro e joias para ajudar o país. Em pouco tempo, a Sibéria ganhou 150 fábricas e cerca de 1.500 empresas industriais foram transferidas para a região de outros lugares do país. Esse foi o caso da Váleri Chkalov, de Novosibirsk, que era especializada na construção de caças I-16, Iak-3 e Iak-7. Ao todo, essa indústria entregou cerca de 15 mil aeronaves ao Exército Soviético.

O setor agrícola da Sibéria também se distinguiu por vários recordes. Em 1942, as áreas onde eram semeados grãos aumentaram em 64% em relação a 1940. Na região, foram organizados cursos de enfermeiras e outros profissionais de saúde que, depois de concluir o curso, iam para a guerra. Tudo isso tinha como pano de fundo duras condições meteorológicas. Mesmo assim, os siberianos não tinham medo de fome nem de frio, enviando toda a roupa e alimentos produzidos na região ao Exército Vermelho e sacrificando suas próprias necessidades.

O trabalho intenso dos trabalhadores siberianos teve grande importância para a vitória da União Soviética durante todo o conflito. Cerca de 700 mil pessoas que trabalharam na Sibéria durante a Grande Guerra Patriótica foram condecoradas com a medalha “Pelo trabalho abnegado durante a Grande Guerra Patriótica”. ■

**ДАВАЙТЕ ПОБОЛЬШЕ ТАНКОВ,
ПРОТИВОТАНКОВЫХ РУЖЕЙ И ОРУДИЙ,
САМОЛЕТОВ, ПУШЕК, МИНОМЕТОВ,
СНАРЯДОВ, ПУЛЕМЕТОВ, ВИНТОВОК!**



**ВСЕ ДЛЯ ФРОНТА!
ВСЕ ДЛЯ ПОБЕДЫ!**

Poster de El Lissitzky (1941) estimula os trabalhadores a produzirem mais artefatos militares para vencer a guerra contra os nazistas





A outra face da guerra

Por **Aleksandr Korolkov**, especial para Gazeta Russa

A pesar de os homens geralmente liderarem as guerras, na cultura e na história de muitos povos a imagem dos conflitos tem uma aparência feminina. Na Rússia, ela se cristalizou na face triste da Pátria-mãe. Fato é que as mulheres russas tiveram grande participação nos principais conflitos mundiais e foram capazes de dominar grande exércitos.

As referências sobre a primeira mulher-soldado datam do século 17. Foi exatamente nessa época, durante a guerra dos camponeses, em 1670 e 1671, que a “Joana D’Arc russa”, Alena Arzamaskaia, comandou por mais de dois meses um destacamento com mais de 2 mil rebeldes que refugiaram-se na fortaleza de Temnikov (atual Mordóvia). Após a tomada da fortaleza, Arzamaskaia foi torturada e queimada como criminosa e herege, acusada de bruxaria. Johann Frisch, viajante e naturalista alemão, seu contemporâneo, compara-a com uma amazona que “superava os homens com a sua coragem incomum. Quando seu destacamento foi derrotado, ela continuou a resistir persistentemente, matando mais sete ou oito”.

Apesar da aparência e comportamento valente de algumas das mulheres que estavam à frente da Rússia no século 18, as grandes conquistas militares que o Império Russo realizou na época eram uma empreitada predominantemente masculina. No entanto, a Guerra Patriótica de 1812, também conhecida como a Campanha Russa de Napoleão, foi a primeira guerra que resultou na condecoração de mulheres. Por decreto de 8 de fevereiro de 1816, as medalhas “Em memória da Guerra Patriótica de 1812” foram concedidas às viúvas dos generais e dos oficiais mortos em combates, bem como às mulheres que trabalharam nos hospitais e cuidaram dos feridos. Ao todo, foram distribuídas 7.606 medalhas para as mulheres na ocasião.

Foi também na guerra de 1812 que a primeira mulher acabou sendo aceita para o quadro regular do Exército. Com 23 anos, Nadejda Durova, que entrou para a

história como “A donzela da cavalaria”, serviu sob o nome de Aleksandra Aleksandrova, com permissão pessoal do imperador. Durova obteve destaque em uma das batalhas decisivas, em Borodinó, na qual sofreu uma lesão grave.

Rimma Mikhailovna Ivanova, cem anos depois de Durova, tornou-se a segunda mulher na história a integrar as fileiras do Exército russo. Ela foi arregimentada com um nome masculino para trabalhar no posto de enfermeiro do regimento. Mesmo quando tudo foi revelado, ela continuou a servir usando o seu próprio nome. Em 9 de setembro de 1915, quando os dois oficiais do regimento morreram durante um combate, ela incitou o grupo ao ataque e lançou-se sobre as trincheiras inimigas, tendo sido mortalmente ferida por uma bala explosiva no quadril. Ela tinha acabado de completar 21 anos. Por meio de um decreto de Nicolai II, em caráter de exceção, a heroína recebeu, postumamente, a condecoração de mais alto grau – naquela época, a Ordem Militar de São George de 4º nível.

Enquanto que durante a primeira Guerra Mundial se tem conhecimento de uma única mulher nas fileiras do Exército regular, são milhares os casos de mulheres que se juntaram às Forças Armadas ao longo da Segunda

Guerra Mundial, quando a escala da tragédia foi muito maior. Membros da resistência (partizanki), operadoras de conexões, batedoras, enfermeiras: quase uma centena foi condecorada com o título de “Herói da União Soviética”.

As mulheres também combateram na linha de frente. A famosa “sniper” Liudmila Pavlichenko aniquilou 309 soldados e oficiais inimigos durante confrontos. Pavlichenko foi dispensada das Forças Armadas devido a ferimentos quando tinha apenas 25 anos de idade. No total, as chamadas mulheres-*snipers* dizimaram mais 11.280 oficiais e soldados nazistas.

Também no céu

Logo após o início da Segunda Guerra Mundial, Marina Mikhailovna Raskova que, na época, já era uma aviadora famosa, dirigiu-se pessoalmente ao Comitê Central do Partido Comunista da URSS (bolchevique), solicitando a permissão para constituir um regimento feminino de aviação. O pedido foi deferido, mas foram tantas interessadas que ficou decidido criar, ao invés de um, 3 regimentos femininos de uma só vez.





As aviadoras do 586º Regimento de Caças da Força Aérea participaram da defesa de Moscou, nas batalhas de Stalingrado e de Kursk, tendo realizado cerca de 9 mil missões e abatido 38 aviões inimigos.

Rainha dos céus

Lidia Vladimirovna Litviak foi a mais bem sucedida aviadora da segunda Guerra Mundial. Realizou cerca de 150 missões de combate, abateu pessoalmente 6 aviões e 1 balão de observação e, em grupo com seus colegas, destruiu mais 6 aviões inimigos. Litviak morreu em um combate aéreo no dia 1º de agosto de 1943. Seus restos mortais foram encontrados e sepultados apenas em 1979. Ela foi condecorada postumamente com o título de “Herói da União Soviética”.

Após o 586º Regimento de Caças, entraram em operação de combate o 588º e o 587º Regimento de Bombardeiros. Nas batalhas aéreas, as mulheres-pilotos

de bombardeiros mostraram uma habilidade digna de admiração. Em 2 de junho de 1943, quando 9 bombardeiros aéreas atingiram o povoado de Kievskaiya, em Kuban, as aviadoras receberam o inimigo com fogo concentrado do armamento a bordo. Durante esse combate, elas abateram 4 caças e, sem nenhuma baixa, voltaram para o seu campo de pouso.

O mais impressionante é que as tradições das mulheres-aviadoras sobrevivem até hoje. Recentemente foi criado o primeiro esquadrão feminino de helicópteros na história da Rússia, que recebeu o nome do pássaro tropical “Colibri”. A presença de mulheres no Exército russo tornou-se um fenômeno corriqueiro; com o tempo, as representantes do “sexo frágil” conquistaram nas mais pesadas provações da história russa o direito de usar as insígnias militares e cumprir o seu dever no mesmo patamar que os homens. Atualmente, cerca de 50 mil mulheres, ao todo, servem nas Forças Armadas da Federação Russa. ■

Face jovem da guerra

Por **Tatiana Russakova**, Gazeta Russa

A história de cinco heróis soviéticos que morreram antes de completar 15 anos

A guerra é um acontecimento antinatural para qualquer um. Mas saber que adolescentes lutaram em uma guerra soa ainda mais absurdo. Na história da Rússia há vários exemplos de heroísmo e autossacrifício de pequenos guerreiros, que, em vez de uma adolescência feliz e divertida, tiveram o infortúnio de estarem envolvidos em um conflito cruel, perderam entes queridos e até a própria vida de modo trágico. Esse é o caso dos corajosos jovens a seguir, que deram a vida pela vitória na Segunda Guerra Mundial.



Vália Kotik

Além de fazer a recolha de armas e munições, o mais precoce desta lista de heróis da União Soviética desenhava e fixava caricaturas de nazistas nos muros.

No outono de 1941, organizou uma emboscada na estrada e explodiu, com uma granada, um carro alemão, liquidando alguns soldados e um comandante do destacamento. Entre 1942 e 1944 foi guerrilheiro ativo no território da Ucrânia, sabotando trens e explodindo armazéns militares. Morreu aos 14 anos em um combate pela cidade de Iziassláv.



Marat Kazei

Seu pai, marinheiro da Frota do Báltico, deu-lhe o nome do navio de linha Marat. Depois que os pais morreram, ele e a irmã entraram para um destacamento de guerrilha. Infiltrou-se muitas vezes

nas guarnições inimigas nas aldeias, arranjando informações importantes para os exploradores. Organizou dezenas de explosões em ferrovias e participou de ofensivas contra as tropas inimigas.

Em 1944, ao pé da aldeia bielorrussa de Khoromítskie, nazistas localizaram um grupo de guerrilheiros entre os quais estava Marat. O rapaz ficou rodeado de alemães que tentavam apanhá-lo vivo. Disparou até acabarem as munições e acabou se suicidando com uma granada aos 14 anos.



Lara Mikhéenko

No início do verão de 1941, Lara, estudante de Leningrado, foi passar férias na aldeia da avó. Quando a guerra eclodiu, não teve mais como voltar, porque a aldeia foi tomada pelos alemães.

Ícones para crianças

Esses heróis adolescentes ocuparam um lugar importante na cultura soviética, sendo exemplos de valentia e coragem para uma geração que estava crescendo sem conhecer os horrores da guerra. Na época, livros sobre Lara Mikhéenko e Volódia Dubinin foram incluídos no programa de ensino escolar.

Dois anos depois, Lara e uma amiga se uniram a um destacamento de guerrilha. Como exploradora, recolhia informações sobre tropas inimigas e disposição de artilharia, participando da chamada “guerra de trilhos” – ou seja, descarrilando trens inimigos.

Aos 14 anos de idade, a guerrilheira mirim foi apanhada por nazistas durante uma missão de reconhecimento.

No interrogatório, tentou se suicidar com uma granada que por alguma razão não explodiu. Acabou sendo fuzilada, depois de passar por torturas terríveis.



Volódia Dubinin

Quando a guerra começou, o estudante de 13 anos seguiu para as pedreiras de Kerch, na Crimeia. Nessa fortaleza soterrada, Volódia desempenhava a função de explorador. Por dois meses, ocupantes alemães lutavam contra guerrilheiros das pedreiras e tapavam as saídas das galerias subterrâneas. Volódia, sendo o menor deles, conseguiu sair à superfície por aberturas estreitas e sem ser descoberto pelos alemães. Em janeiro de 1942, a cidade de Kerch foi libertada pelo Exército Vermelho. Volódia morreu na explosão de uma mina terrestre enquanto ajudava a desativar as minas nos terrenos em volta das pedreiras,



Mússia Pinkenzón

Entre todos os jovens heróis listados, esse violinista prodígio foi o que morreu mais cedo. E também foi único dos cinco adolescentes aqui mencionados que não participou de combates nem guerrilhas. Apesar disso, seu nome se tornou o símbolo de coragem coletiva de todos jovens heróis da Grande Guerra Patriótica.

No verão de 1942, seus familiares, de origem judia, foram presos e condenados à morte. Entre muitos outros, foram levados à margem do rio Kuban. Todos os moradores do povoado foram forçados a assistir à execução. Mússia, de violino na mão, começou a tocar o hino dos comunistas – naquela época, também o hino da União Soviética. Todos começaram a cantar junto. Mas o rapaz de 11 anos seguiu tocando até ser atingido por tiros. ■



Os soldados que assaltaram Reichstag, Berlim (Foto de A. Kapustyansky, maio de 1945, RIA Novosti)







Soldado comprando bilhete para a estréia de Leningrado, Sétima Sinfonia de Shostakovich, em 1942

O show não pode parar

Por **Daria Gonzalez**, Gazeta Russa

Veteranos do teatro relembram que Bolshoi não parou de funcionar nem mesmo durante a Segunda Guerra Mundial

Outubro de 1941 em Moscou. Os boatos de que as tropas nazistas já estariam em Khímki, nos arredores de Moscou, tomou conta da cidade e provocou uma fuga em massa para o interior do país.

Um grupo de oito jovens cavava um fosso sob o hotel Nacional. Todos eles eram alunos do Instituto de Educação Física encarregados de cumprir uma missão especial de minar os principais edifícios no centro da cidade, inclusive o Teatro Bolshoi.

Poucos dias antes, quase todo o elenco e os adereços mais valiosos haviam se retirado, por decisão do governo, para a cidade de Kuibichev (atual Samara).

Uma coleção de violinos Stradivarius e as pinturas mais valiosas da Galeria Tretiakov foram levadas para a

estação ferroviária Kazânski. Assim que o trem com as coleções partiu, algumas bombas lançadas pelos nazistas atingiram o local.

O elenco do Bolshoi ficou em Kuibichev por nove meses. Durante todo esse tempo, o edifício do Teatro Bolshoi ficou vazio: para esconder as colunas da entrada central, foi usado o cenário da ópera clássica "Príncipe Igor".

O cenário do balé "Taras Bulba" serviu para a construção de barricadas. No asfalto da praça adjacente, os pintores do teatro desenharam os contornos do prédio do Bolshoi e dos edifícios circundantes para desorientar os aviões nazistas.

No entanto, em 28 de outubro, uma bomba de 500 quilos explodiu bem perto da entrada central do teatro.

Os desafios da arte

Mesmo com os bombardeios e a presença da linha de frente de combate, Moscou abriu uma nova temporada de ópera e balé. No final de 1941, dois teatros funcionavam na cidade de Moscou abandonada: o Teatro Musical Stanislávski e Nemiróvitch-Dântchenko, e uma filial do Teatro Bolshoi inaugurada a pedido dos artistas que ficaram em Moscou.

“A filial do Bolshoi foi inaugurada solenemente, se assim posso dizer, em 19 de novembro de 1941. Fizemos um grande concerto, que começou às duas da tarde. Não podia ser mais tarde devido aos permanentes ataques aéreos”, conta Mikhail Gabovitch, naquela altura solista de balé e comissário de uma brigada paramilitar de segurança da cidade.

À medida que o exército soviético avançava para o oeste, afastando a linha de frente da cidade, os espetáculos começavam cada vez mais tarde até que o horário normal fosse retomado. O primeiro concerto teve grande sucesso e foi acompanhado de três sirenes de alarme antiaéreo.

“Segundo as instruções, quando tocava uma sirene, éramos obrigados a suspender os espetáculos e mandar o público seguir ao abrigo na estação de metrô Plóschad Sverdlova, atualmente Praça da Revolução”, diz.

No início, as instruções eram rigorosamente respeitadas. Com o tempo, o público, composto principalmente por correspondentes de guerra, operários de fábricas da indústria de guerra, dirigentes da organização local do partido comunista, moscovitas comuns e refugiados de outras cidades, passou a se recusar a abandonar a sala, pedindo a continuação do espetáculo.

Paralelamente, o elenco titular se instalou em Kuibichev. Foi ali que, em 1942, foi executada pela primeira vez a Sétima Sinfonia do compositor Dmítri Shostakóvitch, dedicada a sua cidade natal de Leningrado (atual São Petersburgo) e ao início da Grande Guerra Patriótica, nome pelo qual ficou conhecida a Segunda Guerra Mundial entre os povos da ex-União Soviética.

“Estávamos discutindo quando poderíamos começar a ensaiar a Sétima Sinfonia. Não tínhamos papel de música nem quem reproduzisse a partitura. Pouco tempo depois, o papel chegou de Moscou em um voo especial. Nos intervalos entre os espetáculos e ensaios cuidávamos de soldados feridos em hospitais”, lembra Valéria Dúlova, solista da orquestra refugiada.



(RIA Novosti)

Retorno em grande estilo

No final de 1942, quando os artistas puderam finalmente retornar a Moscou, os dois elencos se uniram em uma só companhia.

O prédio do teatro já estava praticamente restaurado: as obras de restauro não paravam nem mesmo a uma temperatura de 40 graus negativos no inverno de 1942.

Após a explosão da bomba de 500 kg, uma das paredes externas do prédio foi prontamente substituída por uma parede improvisada de madeira, razão pela qual a temperatura no interior do teatro era igual à de fora.

Entre 1941 e 1945, os artistas do teatro divididos em 16 equipes deram 1939 concertos para soldados soviéticos na linha de frente. Consciente da necessidade de preservar o elenco do Bolshoi, Stálin isentou do serviço militar cerca de mil artistas.

Ainda assim, muitos deles foram lutar na guerra por iniciativa própria. No final de abril de 1945, o elenco do Bolshoi deu um concerto na escadaria do Palácio do Reichstag, em Berlim.

“Lá fizemos 140º concerto desde a fundação do Teatro. O grande e semidestruído edifício do Reichstag ainda cheirava à fumaça que saía dos pedaços de móveis queimados. À direita da entrada vi três grandes caixas de projéteis sobrepostas: era meu ‘palco’”, diz a cantora de ópera Natália Milhailovskaia.

“Os soldados me ajudaram a subir ao palco. Ainda há pouco, eles haviam lutado por cada degrau. Comecei a cantar e vi na parede oposta um cartaz em alemão: ‘Em face de um grande objetivo, nenhuma vítima serão demasiadamente grandes’”, lembra.

O Bolshoi comemorou o fim da Grande Guerra Patriótica com duas estreias, os balés “Cinderela” (1945) e “Romeu e Julieta” (1946), de Serguêi Prokófiev. ■



A Segunda Guerra na memória de um russo-brasileiro

Por **Vanessa Pilz**, Gazeta Russa

Ígor Chnee, que dirige a Sociedade Filantrópica Paulista, conta o que presenciou durante o conflito mundial e como comemora o Dia da Vitória

Todos os anos Ígor Anatolievitch Chnee e sua família fazem um brinde com uma taça de champanhe no dia 9 de maio. Nesse dia, ele se lembra de momentos difíceis, de medo e fome, mas também de coragem e solidariedade, exemplos de vida que ele guarda consigo até hoje.

Aos cinco anos de idade, Ígor brincava na fazenda de seu pai quando um avião polonês caiu em um campo próximo e pegou fogo. O menino correu para o local e viu o corpo do piloto carbonizado. Era o ano de 1939, e essa é a primeira lembrança que Ígor tem da Segunda Guerra Mundial.

Mais de sete décadas depois, Ígor vive no Brasil, onde foi diretor da Câmara de Comércio Brasil-Rússia e atualmente preside a Sociedade Filantrópica Paulista, asilo para idosos de origem russa, e a Sociedade Eslovo-Brasileira.

Juntamente com outros imigrantes russos, ele comemora o Dia da Vitória Soviética na Segunda Guerra Mundial anualmente em 9 de maio, quando a Embaixada da Rússia em Brasília e os consulados russos em todo o país organizam eventos para celebrar a derrota do exército nazista e o término do conflito.

“O fim da Segunda Guerra representou muito para mim e minha família, porque era o fim da disputa, o fim da matança, o fim dos bombardeios, prisões e injustiças cometidas pelos nazistas contra os outros povos. Também foi o fim da fome: no último ano da guerra, comíamos uma vez ao dia, apenas batatas congeladas com mostarda, para disfarçar o gosto. Quando acabou

a guerra, imediatamente apareceu a Cruz Vermelha e enfim houve a possibilidade de comer”, recorda.

Origens e a guerra

Descendente de uma família de nobres, o pai de Ígor, Anatóli Viktorovitch Chnee, nasceu em Omsk, na Sibéria.

“Minha família tem origem alemã, daí vem o sobrenome Chnee. Mas há 200 anos meus ancestrais emigraram para a Sibéria, foram se casando com russas e viraram cristãos ortodoxos. Meu pai é tataraneto de alemães, mas sempre se sentiu russo e eu também.”

Anatóli lutou pela Rússia na Primeira Guerra Mundial e, mais tarde, foi tenente do Exército Branco durante a Guerra Civil Russa. Com a vitória do Exército Vermelho, o pai de Ígor teve que deixar o país.

“A cada Ano Novo ele fazia um brinde com champanhe desejando o retorno à pátria. Ele sofria tanto longe da Rússia que dizia que cortaria um braço fora para poder voltar”, lembra.

Anatóli e sua esposa, Vera Tchernishova, se estabeleceram na Polônia, na cidade de Brest (hoje pertencente à Bielorrússia), na fronteira com a Rússia, onde Ígor nasceu, em 1934.

Ali, Anatoli se dedicou à criação de raposas, até que a cidade foi invadida pelo exército nazista, no início da Segunda Guerra Mundial. Sua fazenda foi confiscada e ele foi obrigado a matar cerca de 130 raposas e enviar suas peles para a Alemanha.





Região de Krasnograd. Os nazistas destruíram 1.710 das vilas soviéticas e mais de 70.000 aldeias durante a guerra (Foto de G. Khamzor, 1943, RIA Novosti)

“Naquela época, o valor de uma raposa era suficiente para comprar um piano”, explica Ígor.

Com a perda da propriedade, a família de Ígor mudou-se para Varsóvia, onde seu pai fundou a Casa da Juventude Russa, em 1940.

Durante a ocupação nazista, Anatóli trabalhou em uma fábrica de laticínios que devia enviar toda a sua produção para Berlim. Diariamente, Anatóli desviava parte dos produtos para hospitais e creches mantidos pela colônia russa na Polônia.

Não foi a única ocasião em que arriscou a vida desafiando os nazistas. Quando a Alemanha declarou guerra à Rússia, foi criado um campo de concentração de prisioneiros soviéticos em Varsóvia.

“A ordem de Hitler era que fossem abandonados para morrer de fome. Meu pai então pegou um caminhão e lotou de queijos, leite e pão para levar aos prisioneiros.”

Em 1944, com a aproximação do Exército Vermelho em território polonês, Anatóli organizou uma evacuação de russos e a família se mudou novamente, dessa vez para Ravensburg, cidade alemã na fronteira com a Suíça.

No meio do caminho, tiveram que parar em Nuremberg e passaram a noite em um bunker. No dia seguinte, quando saíram do abrigo, a cidade praticamente não existia mais, totalmente arrasada pelos bombardeios dos Aliados.

A ideia era se estabelecer na Suíça, mas o país não permitiu a entrada dos imigrantes russos, que tiveram que permanecer em Ravensburg, onde Anatóli construiu uma Igreja Ortodoxa Russa e formou um comitê de imigrantes russos.

“Todos os horrores da guerra eu presenciei: mortes, bombardeios, destruição de casas, incluindo a minha. Morávamos a um quarteirão do gueto de Varsóvia e eu vi como os alemães matavam os judeus, vi quando incendiaram o gueto, matando quem ainda vivia ali”, recorda Ígor.

“Quando, décadas mais tarde, fui visitar Varsóvia novamente, procurei minha casa e descobri que ali hoje só cresce grama”, conta ele.

Ele também se lembra de Elena Iegorova, jovem judia que tinha mais ou menos sua idade e conseguiu escapar do gueto de Varsóvia, onde os pais foram mortos. Elena foi adotada como filha pelo pai de Ígor e fugiu com a família Chnee para Ravensburg.

“Com o fim da guerra, ela preferiu se juntar ao seu povo e mudou-se para Israel, mas nos correspondemos até hoje.”

Foi em Ravensburg que receberam a notícia do fim da Segunda Guerra, quando o general francês Charles de Gaulle entrou na cidade com suas tropas.

Ainda menino, Ígor se lembra desse dia, quando andou de bicicleta entre os tanques: “Eu era menino e vi todos aqueles tanques entrando, todos aqueles soldados da colônia francesa... Foi a primeira vez que vi um negro”, recorda, fazendo referência aos soldados argelinos que lutaram pela França.

Mudança para o Brasil

Em 1949, Anatóli foi convidado pelo cônsul brasileiro em Frankfurt a emigrar para o Brasil para produzir leite condensado no país. Ainda impedido de voltar à Rússia, Anatóli aceitou o convite e a família desembarcou no Rio de Janeiro no dia 4 de fevereiro de 1949.

“Saímos da Alemanha no inverno, a uma temperatura de 20°C negativos, e chegamos ao Rio de Janeiro a uma temperatura de 42°C”

Sem falar nada em português, Ígor fixou a meta de decorar 60 palavras por dia e logo foi matriculado em uma escola na cidade de Taubaté, em São Paulo, onde a família foi morar.

Ali funcionava a fábrica de produtos alimentícios Embaré, que lançou o primeiro leite condensado produzido no Brasil (até então, o doce era importado da Suíça, produzido pela Nestlé).

A empresa existe até hoje, mas mudou o nome para Itambé.

Anatóli morreu em 1962, nunca conseguindo realizar o sonho de retornar à Rússia. Foi homenageado pela Câmara Municipal de Taubaté e hoje a cidade tem uma rua batizada com seu nome.

Formado em ciências contábeis, economia e administração de empresas, Ígor hoje mora em São Paulo e trabalhou em diversas multinacionais ao longo de sua carreira.

Desde 1995 realiza um trabalho voluntário na Sociedade Filantrópica Paulista, onde hoje é presidente. Fundada por imigrantes russos que chegaram ao Brasil após a Primeira Guerra Mundial, a sociedade abriga um lar para idosos.

A primeira visita de Ígor à Rússia aconteceu em 1987 e desde então ele já voltou mais de uma dezena de vezes ao país.

A última aconteceu no final do ano passado, quando viajou a convite do governo russo para receber das mãos do ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, uma comenda pelos serviços prestados à casa de repouso de idosos russos na capital paulista. ■







Passo a passo do desfile do Dia da Vitória

Por **Tatiana Russakova**, Gazeta Russa

Todos os anos, no dia 9 de maio, a Praça Vermelha reúne fileiras de equipamentos militares e centenas de integrantes das Forças Armadas vestidos com uniformes de gala, enquanto o céu de Moscou é preenchido por caças atravessando em baixas altitudes. As guarnições de infantaria desfilam ao ritmo da marcha militar e são seguidas por veículos de guerra variados.

Para que o evento transcorra com perfeição, os preparativos começam no segundo semestre do ano

anterior. A etapa inicial inclui a seleção dos melhores, em termos de desempenho escolar e militar, estudantes das instituições de ensino patrocinados pelas Forças Armadas e soldados do serviço militar obrigatório. Somente os grupos de porta-bandeiras devem necessariamente ser compostos por rapazes altos, fortes e parecidos entre si.

Os futuros participantes do desfile são ensinados a técnica de desfile, que prevê 20 passos de 90 centímetros por minuto. A fileira inteira de 11 mil soldados deve

percorrer a distância estipulada em 15 minutos, mantendo a linha reta, observando o ritmo e carregando bandeiras, instrumentos musicais e armas sem tropeçar.

Os líderes das fileiras se mantêm à direita, indicam o comprimento do passo e a distância entre as filas, e controlam o ritmo. Os demais participantes permanecem posicionados de maneira que consigam visualizar, ao longo de todo o desfile, o peito do seu respectivo quarto colega do lado direito. Os soldados mantêm a distância determinada entre si segurando os cotovelos sob um ângulo específico e usam os sinos nas botas para aumentar o som dos passos, que, além de demonstrar a força, serve como um indicador perfeito para observância das regras.

Os primeiros treinos são realizados por pequenos grupos de 20 pessoas, que são posteriormente reunidos em conjuntos de 10 fileiras com 20 integrantes cada. Todos os serviços das Forças Armadas são obrigados a disponibilizar três conjuntos de 100 pessoas, sem contar os oficiais.

União das partes

No primeiro semestre, os participantes do desfile saem dos seus respectivos campos de treinamento e se deslocam para um polígono idêntico à Praça Vermelha, onde realizam os ensaios conjuntos de todas as guarnições de infantaria e fileiras de equipamentos militares e aviação, incluindo os testes gerais de toda a programação do evento. Os preparativos chegam a ser tão puxados que causam desmaios entre os participantes menos preparados. Frascos com cloreto de amônio são intencionalmente quebrados em meio aos conjuntos, pois o cheiro ajuda os soldados a manterem a concentração.

Os responsáveis pelos equipamentos militares, tais como tanques e sistemas de defesa antiaérea, são treinados a dirigi-los em linha reta e conforme a velocidade determinada. Os caças mantêm uma distância definida entre si e respeitam a mesma velocidade dependendo da altitude – uma tarefa nem sempre fácil levando em consideração as diferentes características dos aviões.

Depois de aperfeiçoar todos os movimentos no campo de treinamento, os participantes realizam o último ensaio na própria Praça Vermelha. Dois dias antes do evento, uma parte das ruas no centro da capital é bloqueada para facilitar a entrada e saída dos veículos pesados. Para os moradores e visitantes da cidade, é uma oportunidade única de ver de perto os tanques e peças

de artilharia, assim como os aviões TU-160, An-124 Ruslan e An-22 Antei, entre outros modelos.

Protocolos e curiosidades

A programação do desfile obedece aos rígidos protocolos militares e começa com a formação das tropas, seguida pela apresentação da bandeira nacional e bandeira da vitória e acompanhada pela música “Guerra Sagrada”, do compositor russo Aleksandr Aleksandrov.

O desfile é então recebido pelo ministro da Defesa do país, junto com o relatório do comandante do evento sobre a prontidão das tropas. Os chefes militares cumprimentam cada unidade das Forças Armadas, deslocando-se em carros nacionais do modelo ZIL-115.

A apresentação é aberta por um grupo de bateristas compostos pelos estudantes da Escola Técnica Militar de Música de Moscou, seguidos pelos alunos das academias militares moscovitas vestidos com uniformes da Segunda Guerra Mundial. Depois, desfilam as fileiras, representando as várias unidades das Forças Armadas nacionais. ■



RÚSSIA HOJE

Publicação da Embaixada
da Rússia no Brasil

2015 #6

Redação

Alena Peplova
Ekaterina Kazakova

Direção de arte

Paulo Roberto Pereira Pinto

Impressão

Athalaia Gráfica e Editora

Colaboração

Diário da Rússia
www.diariodarussia.com.br

Gazeta Russa

 RÚSSIA





